

IMPRENSA

Para conhecer a massa operária

JOÃO CARLOS LOURENÇO

Sabe-se que a imprensa operária não é o oráculo que detém a explicação definitiva sobre as classes trabalhadoras no Brasil. Entretanto, não há nenhuma dúvida que a imprensa operária — desaparecida na passagem do século — constitui uma fonte privilegiada e indispensável à nossa história social.

Cabe à pesquisadora paulista Maria Nazareth Ferreira, da USP, o mérito de ter consolidado, metodologicamente, este material como subsídio fundamental ao conhecimento da massa operária, na sua verdadeira dimensão histórica. Não se pense, porém, que ela desembocou numa obra de dilettantismo historiográfico, buscando explicar e/ou descrever ritos e costumes desaparecidos.

Assim, a publicação de *A Imprensa Operária no Brasil 1880-1920*, pela Editora Vozes, traz parte importante de seu programa de pesquisa — em que se avulta, plena de significados, a constatação da instauração da autoridade das classes dominantes e do Estado sobre as classes subalternas, com a utilização, conforme as circunstâncias, da força policial e do controle do processo político.

O sociólogo Paulo Sérgio Pinheiro, autor

do breve prefácio, aponta esta qualidade da obra como a mais expressiva frente à história social (pág. 12). Mas a qualquer leitor, as 164 páginas de texto, mais a iconografia, interessam sobremaneira como um descerter da memória entorpecida, além das informações sobre a sociedade da época, as condições de vida do operariado e suas manifestações culturais.

E o tema se torna duplamente palpante: foi a imprensa operária o instrumento conveniente ao anarquista político, imigrante e romântico, na sua tentativa de arregimentar as classes trabalhadoras brasileiras. Notadamente as da cidade de São Paulo, onde se tornou visível a participação do operário brasileiro no quadro social do País.

Esta participação se traduziu pela luta que as classes trabalhadoras desencadearam, na busca de melhores condições de vida — a mesma luta que provocou, na Inglaterra, décadas antes, protestos dos humanistas e até de Leão XIII. Além, a tradição de luta "por melhores condições de vida", no Brasil, é antiga. Os mais antigos modelos de organização, neste sentido, foram as irmandades e juntas de alforria, onde, ao lado do escravo, encontravam-se também os camponeses sem terra (pág. 145).

Mais tarde, acompanhando o avanço da urbanização, os trabalhadores urbanos organizaram as sociedades de socorro mútuo e as caixas beneficentes. Mas, somente a partir da intensificação do desenvolvimento industrial, a participação das classes trabalhadoras iria evoluir, transformando o período subsequente à Primeira Grande Guerra no mais revolucionário da história das lutas sociais (pág. 146). A mudança qualitativa pela qual passou a participação social do trabalhador assenta-se sobre fatores de ordem interna e externa: internamente, a atividade do operário imigrante; externamente, o advento da Primeira Grande Guerra e da Revolução Russa. "Estes fatores

atuaram conjuntamente, de tal maneira que sem a presença de um deles o resultado não poderia ser o mesmo", afirma a autora.

Mais: há ainda outro elemento que se tornou importante naquele contexto. Trata-se dos intelectuais. "O papel por eles desempenhado, ao lado da atividade dos operários imigrantes, foi decisivo para o período estudado" (pág. 146). Foram eles os responsáveis por uma parcela relevante da atividade dos imigrantes, na medida em que foram também agentes propagadores das idéias revolucionárias, vulgarizando as ideologias sociais. Os primeiros jornais de classe que surgiram no País foi iniciativa de intelectuais. Só depois é que vieram os jornais operários.

Interessante: não havia a figura do repórter de jornal operário. Ao invés de o jornal procurar a notícia, esta é que procurava o jornal. As "salas de redação" recebiam farto material sobre o movimento operário e notícias afins, o que demonstra uma relação integrada entre o jornal e o leitor. Este material era composto por relatórios dos sindicatos, cartas, denúncias, etc.

João Carlos Lourenço, jornalista.



A Imprensa Operária no Brasil
1880-1920.
Maria Nazareth Ferreira.
180 páginas.
Editora Vozes, 1978.

REVISTAS

Para montar, um desserviço e um crime de lesa-Lobato.

FANNY ABRAMOVICH

Deparei numa banca de jornais com uma publicação intitulada "Sítio do Pica-pau Amarelo", onde se lê em negrito "baseada na obra de Monteiro Lobato", com um anelo presépio desenhado, tendo os personagens de Lobato ajoelhados e rezando na companhia dos Reis Magos, Nossa Senhora e alguns bichinhos.

Fasmada e incrédula com tal proposta, folheei a publicação. De começo, a absoluta passividade pedagógica: "Para montar sem cola - sem tesoura". Até aí, nada de especial, pois há milhares de publicações congêneres, igualmente plasmadoras da inércia e da resposta única. Estupefação mesmo é ver o deslante de se montar um presépio no Sítio, quando Lobato sempre foi declaradamente materialista.

Se ainda os personagens lobatianos estivessem de fora, criticamente comentando ou julgando atendo (como sempre fizeram) ainda se poderia fazer um ar resignado. Mas colocar Emilia ajoelhada — justo a Emilia, que jamais se ajoelhou para ninguém, em situação alguma — é não ter entendido absolutamente nada da irreverência, da crítica aguda, da pertinência da bonequinha.

No enlevo cristão geral, Narzinho também está ajoelhado, protegido pelo abraço machista

de Pedrinho. E D. Benta e Tia Nastácia, com ar de beatitude total, mãos postas para prece, olhar místico. Um comportamento apropriado para Mãe Dolores, nunca para D. Benta.

No mais, o descompasso é total. No texto inicial "Pedrinho, Narzinho e Emilia se vestiram como os Reis Magos...". No visual correspondente, estão os próprios reis, sem ninguém do Sítio ter-se fantasiado. Na mesma página, três patinhos que nada têm a ver com o Sítio ou o presépio.

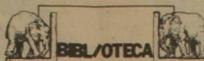
Decididamente, Lobato não merece uma adaptação tão infeliz. Sua clareza sempre foi total. Que recorde, só tem um conto, para adultos, de nome "Cabelos Compridos", que está publicado em "Cidades Mortas" onde ele faz menção a rezas, preces e ajoelhamentos. E Lobato mantém seu tom de deboche pela absoluta oligotrenia da "tão boazinha Das Dores", a personagem principal que tinha dificuldade para entender cada palavra do Pai Nosso.

Era este o tom de Lobato em relação às preces e a quem rezava. Portanto, é este o tom da Emilia e não ajoelhada. Ou bem o responsável por isto é direito as obras de Lobato, ou bem desiste. Assim, não é só um desserviço, como têm sido estas adaptações: é lesandria e é crime de lesa-Lobato.

Fanny Abramovich, pedagoga.



Pica-pau Amarelo
de Papel: nº 15
Sítio do Pica-pau Amarelo (baseado na obra de Monteiro Lobato). Rio Gráfica Editora. Cr\$ 30,00.
Criação e Produção — Empório da Criação Ltda.



HISTÓRIA

A história do homem, contada pelos seus deuses.

LUÍS CARLOS LISBOA

"Ser um homem significa ser religioso.

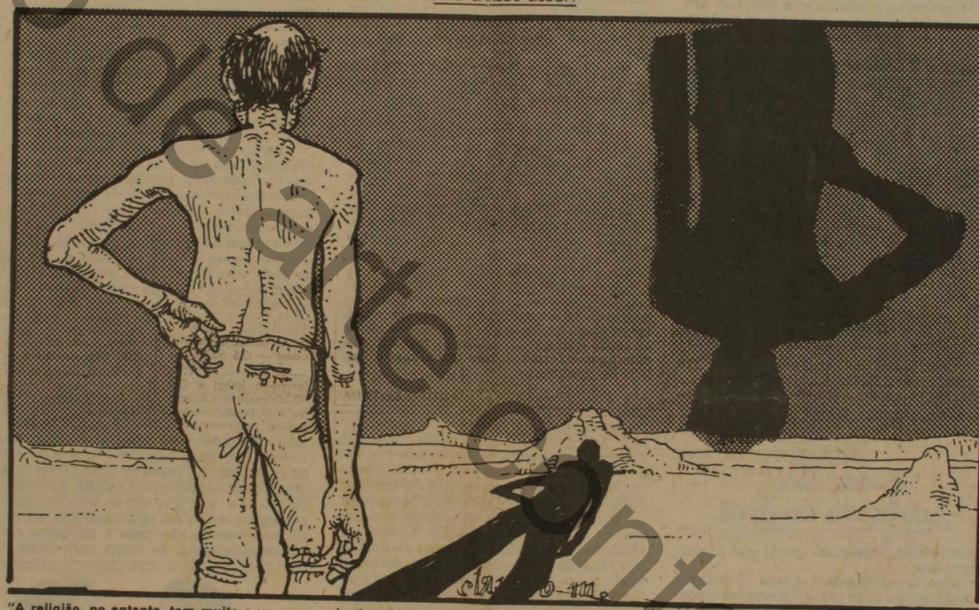
Nos níveis mais arcaicos de cultura, viver como ser humano é em si um ato religioso. O sagrado está na estrutura da consciência, e nem de longe é uma fase na história dessa consciência." O antropólogo, sociólogo e historiador Mircea Eliade, catedrático de História das Religiões na Universidade de Chicago, romeno de nascimento e autor de um monumental conjunto de obras relacionadas com as religiões, resume nessa frase os três tomos de sua História das Crenças e das Ideias Religiosas (ed. Zahar — primeiro tomo em dois volumes), que começa a ser traduzida e editada no Brasil. Nessa obra, considerada uma síntese do trabalho imenso do autor, são estudados os comportamentos místico-religiosos do homem pré-histórico, do seu surgimento ao culto dionisíaco, passando pelas religiões mesopotâmicas, a egípcia, a de Israel, as indo-europeias, as indianas, as gregas e as iranianas. Nesse mosaico colossais Eliade quer mostrar — e lamenta não poder reduzi-lo convenientemente para facilitar seu trabalho — a unidade fundamental dos fenômenos religiosos.

Esse livro curto como que sonhou Mircea Eliade nunca foi escrito. O que saiu tem três tomos e alguns volumes. Os capítulos foram divididos em subseções, com um número e um subtítulo. Na segunda metade de cada volume, foi fixado o estado das questões, com notas complementares e uma bibliografia. História das Crenças e das Ideias Religiosas consegue ser um livro fascinante, apesar das suas proporções, da erudição evidente do autor e do assunto, pouco prestigiado hoje em dia. A religião, no entanto, tem muito a ver com o destino do homem na Terra, a morte inevitável que o espera um dia e o sentido da sua existência. Por isso, o tema não passa de moda completamente e consegue atrair os espíritos mais curiosos e sensíveis.

A REFORMA NEOLÍTICA

Eliade não é um frio estudioso de questões históricas. Sua linguagem é fluente, suas informações são atualizadas, seus interesses são ilimitados. O livro começa com a afirmação do autor de que toda obra religiosa é opaca, enquanto não a deciframos, integrando-a num sistema de significações. O que temos dos paleontólogos, por exemplo, não nos transmite sua realidade religiosa. Pesquisar nesse terreno equivale a redescobrir, quando possível, os sistemas de significações de determinada cultura ou grupo.

Os túmulos primitivos indicam a crença na continuação post mortem de uma atividade particular. Os comportamentos místico-religiosos no homem datam de mais de 400 mil anos (túmulos, chifres adornando ossos, etc.). O êxtase do tipo xamânico existiu pelo menos desde o Paleolítico. O mesmo deve ter ocorrido com a crença de que a alma que abandonou o corpo com a morte, pode "posar" o corpo de um vivo. Na gruta de Montspan, na França, os pés dos iniciados deixaram marcas eternas, em sua dança circular há centenas de milhares de anos. Após o fim da era glaciária, por volta de 8.000 a.C., começaram a prosperar as culturas mesolíticas. Na Ásia e no Oriente Médio, é a era da domesti-



"A religião, no entanto, tem muito a ver com o destino do homem na Terra, a morte inevitável."

cação dos primeiros animais e dos começos da agricultura. Desses períodos, na lagoa de Stellmoor, perto de Hamburgo, há vestígios de animais sacrificados pelos caçadores e prováveis deuses propiciadores da chuva e da colheita. Há também oferendas, altares, objetos colocados em ordem simbólica. No Mesolítico, acaba a unidade cultural das populações paleolíticas e iniciam-se as divergências que vão formar as principais características das civilizações.

É importante entender a chamada revolução neolítica, ocorrida por volta de 9.000 a.C. A cultura de cereais desenvolveu-se na Ásia sul-ocidental e na América Central. Ela precisava de planícies úmidas tropicais e as civilizações cresceram ali, embora tenham germinado inicialmente em regiões de clima mais ameno e mais seco. Análise de carbono radioativo calculam em 11 mil anos a idade de ervilhas encontradas em valhos túmulos na Tailândia. As culturas agrícolas, então, elaboraram o que ficou conhecido como "religião cósmica". Essa atividade religiosa está fixada no mistério central da renovação periódica do mundo, sintetizada na agricultura. A árvore do mundo, da vida, do nascer e do morrer, as raízes no inferno e a copa no céu, a evolução do vegetal, tudo era símbolo religioso.

UM DEUS ÚNICO

A mitologia da pedra polida, sucedeu a mitologia dos metais, sendo a mais rica e elaborada em torno do ferro. Alguns primitivos trabalhavam o ferro meteorítico e tudo indica que a primeira sugestão para um objeto de metal sólido e polido veio dos meteoritos. Quando Cortez perguntou aos chefes astecas de onde tiravam suas facas, eles apontaram o céu. As jazidas pré-históricas do Novo Mundo não possuem ferro. A palavra ferro em sumério, an-bar, significa metal do céu. As lendas relacionadas com o ferro falam de oferendas divinas, de ajuda dos deuses, pelas razões mencionadas.

No Egito, a morada dos mortos ficava entre as estrelas. Ostris, Geb, Tefnut, Ptá, Secmet, Hathor, todos moravam lá. O culto funerário egípcio revela as preocupações dos contemporâneos com a morte e o além-túmulo. Por volta de 2.000 a.C., a existência post mortem foi democratizada: os nobres começaram a copiar tudo que era só dos faraós. A revolução de Amarna foi o fato religioso mais importante da história egípcia. Amenófis IV reduziu o poder dos sacerdotes, eliminou a multiplicidade dos deuses e tomou o disco solar como símbolo do deus único, Aton. Adotou o nome de Aqueaton, mudou

a capital de lugar, introduziu a linguagem popular nas falas oficiais e acabou com a etiqueta na corte. Aqueaton descobriu o sentido religioso da "alegria de viver".

Mircea Eliade estuda a orla do Mediterrâneo (Delos, Delos, Elêusis, Olimpia, Creta, os hititas, os cananeus e Israel). Detém-se, naturalmente, nos judeus, "os homens da religião do livro", os que divinizarão a palavra e falarão na criação de um mundo que é basicamente bom. A cosmogonia judaica não é violenta, comparada com as de outras culturas. Abel quer dizer pastor, Caim significa contra a pureza pastoril.

Os hinos védicos na Índia — mostra Eliade, falando do Extremo Oriente — falam todo o tempo das origens, ou cosmogonia. As tradições pelos arianos têm mais de 4 mil anos. Para eles, o tempo físico esgota o Universo, que precisa ser recriado. Prjapati criou o tempo e disse: "Criei uma réplica de mim mesmo." Para o Brahmanismo, toda ação humana, pelo fato de obter um resultado, desencadeia uma série ilimitada de causas e efeitos. A cadeia de reencarnações é o samsara, de que falam os Upanixades, livros sagrados. A meta do sábio é a moksha, ou libertação dos laços das ações (arma). Como todo ato, religioso ou não, revigora a malha da

transmigração, a liberdade não se obtém pela ação, mas pelo conhecimento profundo e direto do real. O caminho para isso é a identificação da ignorância (metafísica) e das ilusões. O resto não tem a menor importância.

PARA ENTENDER A HISTÓRIA

Na Grécia, Eliade estuda Zeus, um deus indo-europeu. Os gregos puseram toda sua filosofia nas suas religiões. Para Simônides, "os homens são criaturas de um dia, que vivem como o gado, sem saber por que caminho Deus conduzirá cada um ao seu destino". Teóguas, Píndaro, Sófocles afirmam que a maior ventura é não nascer e, tendo nascido, o melhor é morrer depressa. Homero, no entanto, tem outra vitalidade e apresenta outras perspectivas. Seu inferno (a morada de Hades) é o mundo dos pesagistas, onde tudo continua e nada se esfria. A lição de Homero, no entanto, é no sentido da vida ser vivida plenamente, mas com nobreza, no presente.

Mircea Eliade estabelece contatos entre os mistérios de Elêusis, a pregação de Zaratustra, a religião de Israel e o mito de Dionísio. Não relações históricas, ou de influências. Há uma unidade em todos eles — os quais pode-se somar Isaías, Jeremias e Ezequiel — e essa, afinal, é a grande tese da obra do historiador romeno. Sendo especialista em história das religiões, acha indispensável uma certa familiaridade com a História para que esses estudos sejam bem assimilados. A filosofia, a psicologia e a antropologia social e cultural, também são adendos necessários ao entendimento das crenças religiosas. Nesses dois volumes do primeiro tomo, agora editados no Brasil, está um início desse processo de complicado do desenvolvimento religioso do ser humano. Os próximos volumes começarão no pensamento do Gautama Buda e passarão pelo Cristianismo e pelo Islão, chegando às doutrinas ateístas contemporâneas. Essa cronologia das expressões do sagrado, no mundo, materializa uma obra considerada notável.

Os fatos, os mitos, as constantes do pensamento religioso, são mostrados por Mircea Eliade com naturalidade. Sua fantástica erudição não é posta a serviço de teses rígidas, mas da compreensão lenta e persistente desse fenômeno constante na história humana, capaz de revelar, por si só, mais coisas sobre o homem e seu destino que todo o resto da cultura acumulada nas academias e nas bibliotecas.

Luís Carlos Lisboa, jornalista.



História das Crenças e das Ideias Religiosas, de Mircea Eliade. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Zahar Editores, coleção Espírito e Matéria. Cr\$ 150,00, cada um dos dois volumes.

ARTE

Nenhuma nebulosa nos caminhos de Ianelli

JACOB KLINTOWITZ

Há certas sensibilidades e inteligências que marcam a vida de uma cidade. São os seres cujo comportamento intelectual e moral estabelecem um padrão, um diapasão, um sinete psíquico para a comunidade. O poeta, crítico de arte e jurista, Paulo Mendes de Almeida, é um destes homens e a sua atuação tem sido uma fiel acompanhante de São Paulo nos últimos 50 anos. Por isso é tão natural que seja ele a organizar um livro sobre a obra do pintor Arcangelo Ianelli, um artista tipicamente paulista (Ianelli, do Figurativo ao Abstrato, 176 páginas, ilustrações em cores e em preto branco, planejamento gráfico de H. Flaminghi, principal ensaio e organização de Paulo Mendes de Almeida, com ensaios de Juan Acha, Marc Berkowitz, Aracy Amaral e Jacob Klintowitz, Cr\$ 500,00).

O livro, que trata do caminho de um artista da figura à abstração geométrica ao longo de 36 anos de traba-

lho, constitui um claro exemplo de coerência lógica e metodologia de análise crítica. A principal parte do livro, constituída por um ensaio panorâmico de Paulo Mendes de Almeida, realiza um precuente estudo das tendências do artista e do meio cultural paulistano, relaciona esta pintura com a pintura no mundo para, finalmente, deter-se diante da especificidade da própria obra e do temperamento pictórico de Arcangelo Ianelli. A lógica conduz o leitor pelas sucessivas opções do artista e a segura metodologia crítica faz com que os critérios de avaliação formal e temática sejam os mesmos para os vários dilemas que se apresentam. O autor evita o sectarismo dogmático das doutrinas críticas caracterizadamente universitárias para se tornar um observador privilegiado, capaz de mostrar a evolução dos temas, as propostas cromáticas, os mistérios da criação e da sensibilidade.



Ianelli: uma análise de 36 anos de trabalho.

Por outro lado, a clareza é o sinal deste livro. Com simplicidade, o crítico de arte vai desvendando os caminhos da criatividade, as encruzilhadas que o artista enfrenta e a formação paulatina de sua personalidade artística, fruto conjunto do temperamento, da sensibilidade e das formas culturais da época. Há nesta clareza, evidentemente, a própria clareza do autor, habituado a observar os acontecimentos e os fatos históricos no que eles têm de

essencial. Pode ser dito que a tipicidade de Arcangelo Ianelli, filho de imigrante que vitoriosamente acompanha o crescimento da cidade e se faz notar pela tenacidade e capacidade de trabalho, fornecia um bom motivo para um analista tão sagaz. Na simplicidade com que o assunto é conduzido percebe-se a mão segura da experiência crítica e a marca do homem habituado a lidar com a palavra. Neste ensaio está ausente a nebulosidade e obscuridade com que boa parte da crítica de arte vem explicando as suas posições. Muitas vezes, como pensava Pound, a nebulosidade de linguagem corresponde uma nebulosidade de intenções...

Dos ensaios menores, destaca-se o trabalho de Juan Acha, crítico peruano, por sua perspicácia formalista e por sua solidez de raciocínio. Ainda acrescento de sua conhecida capacidade de relacionar os fatos estéticos com o social e os processos de ação e criatividade

de próprios de nossa época. O trabalho de Aracy Amaral por ser limitado a algumas poucas linhas não nos beneficia com a sua tradicional proleidade e pertinência histórica. Marc Berkowitz, por outro lado, autor de um diálogo imaginário com o pintor, talvez não tenha escolhido a forma literária mais justa para a expansão de sua bagagem cultural.

Jacob Klintowitz, crítico de arte.



Ianelli — do Figurativo ao Abstrato. Organizado por Paulo Mendes de Almeida, com apresentação de Aracy Amaral. Texto em inglês e português, com 115 reproduções das obras de Ianelli. 176 páginas.